

Cotidiano escravo em Sergipe oitocentista na Revista do IHGSE

Sura Souza Carmo*

Resumo

Nas últimas décadas tem se desenvolvido com vigor a historiografia sergipana da escravidão, sendo a Revista do IHGSE o principal periódico do estado difusor destas pesquisas. Produzido inicialmente por autodatas na área da História e depois por acadêmicos, os artigos revelam as diferentes fases do ofício de historiador sobre a temática, revelando o direcionamento para determinados temas, influências teóricas e metodológicas, interlocutores e análise das fontes. Neste artigo, buscamos apresentar informações sobre o cotidiano escravo em Sergipe no século XIX, encontradas nos artigos publicados na Revista do IHGSE, visualizando ainda o avanço da historiografia da escravidão no estado nos últimos anos.

Palavras-chave: historiografia; Sergipe; escravidão.

Abstract

In the last decades the Sergipan historiography of slavery has developed strongly, being the Magazine of the IHGSE the main periodical of the diffusive state of these investigations. Initially produced by self-taught historians and later by academics, the articles reveal the different phases of the historian's work on the subject, revealing the orientation to certain themes, theoretical and methodological influences, interlocutors and analysis of the sources. In this article we seek to present information about the slave daily life in Sergipe in the 19th century found in the articles published in the Revista do IHGSE, also visualizing the progress of the historiography of slavery in the state in recent years.

Keywords: historiography; Sergipe; slavery.



* Professora do Departamento de Museologia-UFS, ministrando as disciplinas de Conservação Preventiva, Museologia e Desenvolvimento Social e Arquitetura de Museus. Possui interesse também em historiografia da escravidão em Sergipe.

Importante instrumento de difusão de conhecimento, a Revista do IHGSE já foi alvo de análise por alguns autores, na sua totalidade ou de alguma temática.¹ Entre os trabalhos mais densos sobre a Revista, encontram-se o de Itamar Freitas² e de Ibarê Dantas³ – ambos analisaram a revista, percebendo as mudanças políticas e sociais no modo de se fazer história nas páginas do periódico. Nessas obras, os autores também sinalizaram a importância do periódico para se perceber as características da intelectualidade sergipana, com formação acadêmica ou não, as áreas de pesquisa, questões metodológicas e teóricas, além dos interlocutores. A Revista do IHGSE é, portanto, uma fonte para inúmeras pesquisas a respeito da historiografia sergipana ao longo do século XX e XXI.

A análise dos indícios de cotidiano escravo na Revista do IHGSE seguirá, com pequena adaptação na última fase, a proposta de Freitas para as fases da revista⁴. Não seguiremos as fases elencadas por Ibarê Dantas, no livro *História da Casa de Sergipe*, pois, além de serem mais minuciosas, não abordam apenas a Revista do IHGSE⁵, uma vez que houve um grande lapso temporal na publicação do periódico⁶.

De maneira geral, é escassa a quantidade de artigos que tratam da escravidão em Sergipe, nas duas primeiras fases da Revista do IHGSE. O maior quantitativo de artigos sobre essa temática foi publicado na terceira e quarta fase da revista, com especial predominância nesta última fase. São fatores para o aumento, nos últimos anos, de publicações a respeito da escravidão: o destaque da História Cultural, cuja atenção se volta para a pesquisa de



- 1 OLIVEIRA, João Paulo Gama. A Casa de Sergipe e a escrita da História da Educação sergipana. In: ALBUQUERQUE, Samuel Barros de Medeiros; SANTOS, Magno Francisco de Jesus; SANTOS, Anne Luíse Silva Mecnas.(Orgs.). *História, memória e comemorações na Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE*. Aracaju: IHGSE, 2014, p. 229-268.
- 2 FREITAS, Itamar. *A escrita da História na “Casa de Sergipe” – 1913-1999*. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2002. _____. *A “Casa de Sergipe”: historiografia e identidade na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (1913-1929)*. Rio de Janeiro, 2000. Dissertação (Mestrado em História Social), PPGHS/IFCS/UFRJ.
- 3 DANTAS, Ibarê. *História da Casa de Sergipe: os 100 anos do IHGSE 1912-2012*. São Cristóvão UFS: Aracaju: IHGSE, 2012.
- 4 Para Itamar Freitas, as quatro fases são divididas da seguinte forma: 1ª fase de 1913-1929, com 14 edições; a 2ª fase de 1939-1965, com 12 edições; a 3ª fase de 1978 – 1999, com 6 edições; 4ª fase de 2002-2012, com 10 edições.
- 5 Dantas aponta as seguintes fases do IHGSE: Tempos de Organização (1912-1921), Tempos de Descontinuidade (1921-1927), Tempos de Campanha e de Construção (1927-1939), Tempos de Libertação e Dissensão (1945-1951), Tempos de Audácia e Destaque (1951-1957), Tempos Agitados (1957-1965), Tempos de Declínio (1965-1969), Tempos de Crise (1969-1972), Tempos de Dificuldades e Permanências (1972-2003) e Tempos de Reforma e Modernização (2003-2012). Contabilizam-se 12 fases.
- 6 Grandes ausências da Revista do IHGSE: 1929-1939, 1965-1978 e 1992-1999. Houve falta de periodicidade, com publicações condensadas em: 1921-1925, 1926-1927, 1941-1942, 2000-2002, 2003-2005.

novos sujeitos, novas fontes e com metodologias diversas; o surgimento e o crescimento do campo da historiografia da escravidão, que nem existia em 1913, quando foi publicado o primeiro número da Revista do IHGSE, mas que foi principiado com Gilberto Freyre e seus estudos culturais sobre a participação do negro na formação do Brasil, seguidos dos estudos da Escola Paulista de Sociologia e da Nova Historiografia da escravidão; as mudanças políticas e sociais na luta contra o racismo e desigualdades sociais; e, por último, o crescimento da participação de pesquisadores sobre Sergipe em cursos de pós-graduação, vindo a propiciar a realização das pesquisas.

Quadro I – Artigos sobre escravidão publicados na Revista do IHGSE

Fase	Período	Artigos sobre escravidão
1ª	1913-1929	0
2ª	1939-1965	02
3ª	1976-2002	08
4ª	2005-2016	16

Na primeira fase da Revista do IHGSE, não houve publicações que tratassem da escravidão em Sergipe, conseqüentemente indícios do cotidiano escravo quase não se fizeram presentes. Na conjuntura do fazer historiográfico do período, não havia interesse pela história da escravidão e as teorias deterministas pessimistas ainda imperavam nos estudos sobre o negro na sociedade brasileira no início do século XX.

As referências, na primeira fase da Revista do IHGSE, limitaram-se a citações de escravos como propriedade de senhores ou por ter ordenado o escravo fazer algo. Também aparecem, como por exemplo, “escravos empregados na lavoura de gêneros de primeira necessidade”⁷, quando os autores tratavam da economia na província de Sergipe d’El Rey. Revelador da ausência de estudos da escravidão e da influência do negro na formação do povo sergipano é o artigo sobre folclore sergipano de Prado Sampaio. O autor propõe, como origem de alguns aspectos do folclore sergipano, povos europeus, em especial germânicos, sem dialogar com a mistura étnica portuguesa e a miscigenação brasileira na formação de lendas no território sergipano⁸.

Na segunda fase da Revista do IHGSE, é possível encontrar artigos que trataram de escravos em Sergipe. Foram dois os artigos publicados a respeito da ação de escravos: um de João Dantas e outro de Sebrão Sobrinho. Alguns autores modificaram a maneira de compreender os escravos,

7 LIMA Júnior, Carvalho. Monographia Histórica do Município de Itabayana. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, v.2. n.4, 1914, p.131.

8 LEITE, Joaquim do Prado Sampaio. Do folk-lore sergipano e aspectos ethno-psychologicos de suas lendas. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, v.6n.11, 1926.

porém outros permanecem com o pensamento de inferioridade racial, já superado na década de 1940.

Em um artigo sobre superstições, Edmundo Krug, semelhante a Prado Sampaio, poderia ter tratado da influencia do negro na cultura popular brasileira, contudo, afirmou também que a maioria das nossas superstições de origem germânica. Sobre os escravos, Krug apenas menciona que sendo ele “nostálgico e também pouco observador, nada poderia ter trazido para a nossa terra”, acrescentando, de maneira pejorativa, que “o negro trouxe para cá foram as macumbas e as feitiçarias, cujas praxes foram aumentadas com o contato, com o povo ignorante, porém inteligente, proveniente de Portugal [...]”⁹.

No artigo *Vida Alheia*, de Zé Corrêa, é possível perceber sutis mudanças pois, apesar de não tratar da escravidão em Sergipe, aproxima o escravo da vida cotidiana de seus senhores, ao mencionar um negro, contador de histórias, amigo do pai: “Como si contasse uma história longa, daquelas que sempre ouvi, quando era criança, de Chico de Gonçalo, negro supersticioso, valente quando bebia, serviçal e muito amigo do meu velho pai [...]”¹⁰.

Outro artigo em que é possível perceber as sutis mudanças em relação ao escravo na historiografia sergipana é sobre a relação de educadores e sociólogos de José Amado Nascimento¹¹. Apesar de não ser a temática, o autor evidencia diversas informações sobre a escravidão como origem dos escravos de Sergipe, seu quantitativo e sua ascensão após a abolição. O autor trata de questões ainda pouco discutidas no âmbito historiográfico da época, como as dificuldades dos trabalhadores livres antes e no pós-abolição. Embora o assunto seja educação, o texto é um importante documento das primeiras pesquisas sobre os problemas enfrentados pelos cativos e ex-cativos em Sergipe d’El Rey, sendo um caminho para pesquisas sobre cotidiano escravo.

O primeiro artigo que trata de ações de escravos e libertos em Sergipe oitocentista é o curioso caso do Céu dos Carinaibas. Escrito por João Dantas, em 1942, *As almas das Carinaibas – um céu no Riachão – resquícios da intituladas “santidades”*, descreve, com escárnio, as práticas religiosas- heréticas- sodomíticas, realizadas pelos praticantes. João Dantas, ao longo do breve artigo, não compreende a importância do ritual para a pesquisa, realizando, ao longo do texto, juízo de valor quanto a moral dos praticantes. João Dantas finaliza o artigo apoiando a ação enérgica para

9 KRUG, Edmundo. O Histórico das nossas superstições. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, v. 11, nº 16, 1942, p.30.

10 SANTOS, José Correa dos. Vida alheia. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, v. 11, nº 16, 1942, p.25.

11 NASCIMENTO, José Amado. Educadores e Sociólogos se completam e se precisam hoje mais do que nunca. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 25, vol.20, 1960.



a repressão dos praticantes da suposta heresia, dizendo que “as autoridades do Riachão e cidadãos qualificados, alcançando o perigo, resolveram destroçar com o novo céu em formação [...] a pancadaria foi grossa, formidável”¹². O texto do autor transmite a mentalidade da época, pois os “cidadãos qualificados” seriam homens brancos de destaque social e as pancadas, que o autor achou “formidáveis”, foram comuns nas primeiras décadas do século XX nos terreiros de candomblé, quando a falta de compreensão das práticas religiosas afro-brasileiras culminaram na destruição dos espaços sagrados e apreensão de objetos de culto.

O segundo artigo referente à escravidão, publicado na segunda fase da Revista do IHGSE, foi escrito por Sebrão Sobrinho, intitulado *Sol Quente, do Dira, a pecadora santa dos ubandistas*¹³. Trata-se de um artigo que cria bastante curiosidade no leitor ao relatar em prosa e em verso, com informações documentais e memorialísticas, um crime no engenho Dira, que teve como pivô a forra Sol Quente. Possível filha da Casa-grande, Sol Quente possuía um comportamento pouco comedido, realizando práticas religiosas de matriz africana em sua residência e envolvendo-se em romances sem ser repreendida pelos senhores. O autor narra o crime passionai do Dira em que o feitor matou por ciúmes o carreiro que Sol Quente estava se envolvendo amorosamente. O autor desvenda, dessa maneira, muito além de um crime, as relações bastante próximas entre pessoas de cor e senhores e as práticas religiosas de origem africana sendo professadas no engenho com a convivência do senhorio.

Dessa maneira, a segunda fase da Revista do IHGSE proporciona aos pesquisadores visualizarem dois exemplares de práticas religiosas não católicas em Sergipe, a primeira sendo duramente reprimida e a segunda sendo tolerada pelos senhores. Tais informações permitem pensar as práticas religiosas no cotidiano de escravos e libertos.

Na terceira fase da Revista do IHGSE, por conta de um maior número de artigos que trataram da escravidão, em consequência de um crescimento nacional em torno da temática, foi encontrado um quantitativo maior de indícios sobre cotidiano escravo. Além dos artigos da área de História, a Antropologia também forneceu uma importante contribuição nesta fase, a partir das publicações de Beatriz Góis Dantas sobre manifestações da cultura afrodescendente em Laranjeiras. A partir da origem dos folguedos, a autora apresenta algumas práticas de sociabilidade de escravos e cativos como os agrupamentos “nas confrarias de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito” quando “os negros livres ou escravos louvavam

12 REIS, João Dantas. As almas das Carnaibas – um céu no Riachão – resquícios da intituladas “santidades”. In: *Revista do IHGSE*, v. 11, nº 16, Aracaju, p.27.

13 CARVALHO SOBRINHO, José Sebrão de. Sol Quente, do Dira, a pecadora santa dos umbandistas. In: *Revista do IHGSE*, v. 16, nº 21, Aracaju, 1955.



seus santos patronos com danças e autos em que se inseriam elementos da cultura de origem africana”¹⁴.

Na terceira fase de revista do IHGSE constam publicações do também antropólogo Luiz Mott com pesquisas na temática da escravidão em Sergipe. Com um escopo variado de fontes, no primeiro artigo o autor discorre sobre características da escravidão em Sergipe¹⁵ e, no segundo, sobre os negros nos anúncios de jornal em Sergipe. No segundo artigo é possível perceber várias informações sobre os modos de vida da escravidão sergipana, pois é razoável observar, por exemplo, o vestuário, aptidões e tipos de lazer dos fugitivos. Sobre as roupas de um escravo fugido o autor cita “levou a seguinte roupa: camisas de algodão da terra e americano, ceroulas do mesmo e traz calça e véstia azuis e um chapéu de copa alta de carnaúba. Também levou um cobertor de algodão novo”¹⁶, demonstrando a importância que os mesmos davam ao vestuário.

O primeiro texto sobre quilombolas foi de autoria de Lourival Santos, abordando a formação dos quilombos em Sergipe, os esconderijos, os procedimentos de busca pelos senhores e a rede de solidariedades entre fugidos e cativos. Os indícios sobre as redes de solidariedade são importantes para a observação do cotidiano nos engenhos de açúcar, quando abrigar ou ajudar um irmão de cativo em fuga parecia ser bastante comum. Nessas ações de solidariedade nas senzalas, ocorria “intercâmbio comercial, trocando farinha e agasalhos pelos roubos praticados”¹⁷. Observa-se que era comum a solidariedade entre cativos e escravos fugidos, demonstrando o não isolamento, mas a amizade e cumplicidade entre os mesmos.

A influência marcante da história econômica no período também se fez presente nas pesquisas referentes à escravidão em Sergipe. Josué Modesto dos Passos Subrinho, trata do tráfico inter e intra provincial em Sergipe na segunda metade do século XIX. Apesar de ser voltado para o aspecto econômico – o que impossibilita observar questões referentes ao cotidiano escravo – o artigo permeia algumas temáticas e informa, com consideráveis dados estatísticos, os deslocamentos de escravos, bem como a terrível epidemia de coléra morbus no província¹⁸.

14 DANTAS, Beatriz Góis. Considerações sobre o tempo e o contexto de autos e danças folclóricas em Laranjeiras. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 27, 1978, p.65.

15 MOTT, Luiz. População e economia: aspectos da mão-de-obra escrava em Sergipe (séculos 18 e 19). In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, n. 28, 1982.

16 MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, n. 29, 1987, p.135.

17 SANTOS, Lourival Santana. Quilombos e quilombolas em Sergipe no século XIX. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 32, 1992, p.36.

18 PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. Tráfico inter intra-provincial de escravos no nordeste açucareiro: Sergipe (1850-1887). In: *Revista do IHGSE*, n.32, 1992.



Ao longo da terceira e quarta fase da Revista do IHGSE surgiram várias pesquisas a respeito de irmandades religiosas e participação dos negros. Francisco José Alves dos Santos apresentou importantes informações sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Estância, as quais permitem delinear importantes aspectos da religiosidade e sociabilidades de escravos e libertos¹⁹. Dentre essas informações, as de maiores destaque foram o calendário da festa religiosa em consonância com o agrícola, “o caráter elástico” de ingresso na irmandade que permitia cativos e oportunidade dos negros encontrarem na festa amigos e parentes que trabalhavam nos engenhos da região.

No número subsequente da Revista do IHGSE, foi publicado outro artigo a respeito de irmandades do Rosário de Vila Nova Real²⁰, por Lourival Santos. O autor menciona o artigo publicado anteriormente por Francisco José Alves a respeito da irmandade do Rosário de Estância, apesar de seu objetivo ser o de publicar um documento no qual retrata o compromisso da irmandade, revelando importantes informações do funcionamento burocrático e espiritual da confraria e, conseqüentemente, alguns indícios também de cotidiano escravo. No documento, é possível visualizar a composição de irmãos eleitos, os principais cargos, composição étnica da irmandade, taxa de pagamento, questões fúnebres e obrigações dos irmãos, sendo de grande valia para pesquisadores de religiosidade e cotidiano escravo.

A quarta fase da Revista do IHGSE apresenta o maior quantitativo de artigos relativos à escravidão. As temáticas também são bastante variadas: movimento quilombola, irmandades religiosas, alforrias, sociabilidades entre outras. Nos números analisados, entre os anos de 2005 e 2016, em todos havia artigos referentes a temática da escravidão. A ausência da temática, porém, foi verificada nos periódicos que continham dossiês nos quais não era possível inserir artigos sobre escravidão. A maior representatividade da temática da escravidão corresponde ao maior interesse acadêmico sobre o tema atrelado à mudança do pensamento brasileiro quanto à contribuição do negro para a formação nacional, ao Movimento Negro, a historiografia da escravidão e políticas públicas inclusivas.

O movimento quilombola em Sergipe no século XIX é retratado por Amâncio Cardoso que discorre sobre questões como a habilidade dos escravos fujões em oferecer seus serviços em outras localidades. O autor utiliza uma importante referência para os historiadores de Sergipe oitocentista, as cartas de Adolphine Schramm, alemã que viveu por alguns

19 SANTOS, Francisco José Alves dos. Calendário religioso da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário de Estância. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 31, 1992.

20 SANTOS, Lourival Santana. O compromisso na Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos de Vila Nova Real de el Rey do Rio São Francisco. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 32, 1999.



anos em Maruim, e que descreveu importantes aspectos da vida dos escravos. Assim como outros autores citados neste texto, Cardoso utiliza as cartas para informar que “alguns escravos vem com frequência suplicar que os compre a seus patrões”, pois, segundo a alemã, em sua casa os negros “nunca são espancados”²¹, sugerindo a liberdade de circularem entre os engenhos e a fuga como última saída.

Sem contribuições diretas de indícios sobre cotidiano escravo em Sergipe, mas com um objeto que ajuda a refletir sobre a vida dos cativos, Sharise Amaral trata do impacto da Lei 2.040 de 28 de setembro de 1871, ou Lei do Ventre Livre, na vida dos cativos²². Amaral argumenta que as cláusulas da referida Lei afetaram diretamente a concessão de alforrias, pois o escravo poderia entrar na justiça contra o senhor, abalando, dessa forma, o poder senhorial. A partir dos dados apresentados pela autora e relacionando com cotidiano escravo, é possível pensar o impacto da Lei no cotidiano dos cativos, pois os senhores perderam parte do poder de mando e, ao mesmo tempo, os cativos que pedissem a liberdade na justiça poderiam ser alvo da fúria do senhor.

As festas religiosas de escravos e libertos aparecem com maior intensidade na quarta fase da Revista do IHGSE. Vanessa Oliveira publicou dois artigos sobre a festa de Nossa Senhora do Rosário de São Cristóvão. No primeiro, escrito conjuntamente com Brice Sogbossi, os autores salientam que a cor é o elemento “delimitador para a entrada da associação”, citando várias confrarias semelhantes em Sergipe e indícios de que os escravos buscavam participar de associações e socializavam nelas²³, apresentando ainda, como importante fonte, o *Anuario Christovense*, escrito por Serafim Sant’lago. O documento apresenta informações sobre a festa que era animada “com fogos de artifício, danças, bebidas e quitutes”²⁴, demonstrando ainda que os cativos procuravam realizar as celebrações da Irmandade do Rosário com pompa, fartura e alegria.

De maneira mais ampliada, Vanessa Oliveira continuou a pesquisar a Irmandade do Rosário, observando a presença da confraria em toda a província de Sergipe d’El Rey e a importância como espaço de sociabilidade e religiosidade abertas às camadas desfavorecidas da população de Sergipe no século XIX. A autora aponta 63 associações religiosas leigas em Sergipe, sendo 16 de Nossa Senhora do Rosário e 05 de São Benedito,

21 SANTOS NETO, Amâncio Cardoso. Escravidão em Sergipe: quilombos e fugas - século XIX. In: *Revista do IHGSE*, nº 34, 2005, p.59.

22 AMARAL, Sharire Piroupo do. A lei, as cartas e o silêncio senhorial: uma análise da alforria na Cotinguiba (1860-1888). In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 37, 2008.

23 OLIVEIRA, Vanessa dos Santos e SOGBOSSI, Hippolyte Brice. Devoção com diversão: a festa de Nossa Senhora do Rosário de São Cristóvão (1860-1880). In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 37, 2008, p.54.

24 *Ibid.*, p.63.



principais santos de veneração das pessoas de cor, geridas “por grupos que ocupavam diferentes espaços do cotidiano socioeconômico da província”²⁵. Sobre a irmandade de São Cristóvão, a autora detalha os luxuosos elementos do vestuário.

[...] eram distribuídos muitos anéis de louça ou vidro mandados vir da Bahia pelas referidas pretas africanas. A Santíssima Virgem sahia em procissão, encerrada num túmulo vestido de ricos ornatos brancos, assim como, no dia seguinte, sahia em rica charóla, representando subindo ao Céu, em uma vistosa nuvem rodeada de Cherubins²⁶.

Outro artigo relacionado às irmandades religiosas foi escrito por Claudefranklin Santos, sobre a festa de São Benedito em Lagarto. A partir de diversos interlocutores, como Beatriz Góis Dantas, Silvio Romero e Melo Moraes Filho, o autor aponta o luxo dos festejos para a saída do santo e das negras que participam, gerando uma dúvida sobre a quem pertencia as joias, se a irmandade ou as participantes da festa. O festejo tinha um grande impacto no cotidiano, pois a “vida produtiva da Vila de Lagarto parava, negros escravos eram dispensados do trabalho, e até mesmo seus senhores por lá estavam com o mesmo espírito e entusiasmo”²⁷, demonstrando a mudança no cotidiano árduo dos engenhos da vila.

As sociabilidades dos africanos livres também foram alvo de um estudo realizado por Aline Silva, Daniela Bezerra, Williams Silva e Frank Nilton Marcon. Recortando a observação da rede de sociabilidades apenas para os africanos livres que viviam na região do Contiguiba, os autores, principalmente por meio de testamentos, puderam observar que havia uma teia de relações para a proteção, em vida e na hora da morte desses negros, e o direcionamento da renda que esses africanos possuíam para salvar algum ente querido do cativo. É possível perceber que os africanos conseguiram construir uma rede de solidariedade, constituir de bens, como imóveis, e bons relacionamentos comerciais com homens brancos. Portanto, através dos testamentos foi possível observar a rede afetiva e comercial dos africanos, fato de grande importância, pois havia grande dificuldade de inserção de libertos africanos em transações comerciais e a mobilidade econômica, social e espacial que possuíam nas práticas cotidianas de sociabilização e comércio²⁸.

25 OLIVEIRA, Vanessa Santos. A devoção a Nossa Senhora do Rosário em Sergipe Del Rey (séc. XIX). In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº44, 2014, p.319-321.

26 *Ibid.*, p.337.

27 SANTOS, Claudefranklin Monteiro. A festa de São Benedito em Lagarto: do auge ao esvaziamento sócio-cultural e religioso (1874-1828). In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 37, 2008, p.79.

28 MARCON, Frank Nilton; BEZERRA, Danile M.; SILVA, Williams S.; SILVA, Aline F. Africanos livres e sociabilidades no vale do Cotinguiba. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 38, 2009, p. 54-55.



Na quarta fase da Revista do IHGSE, houve também publicação de artigo sobre o sistema escravocrata e a economia de Sergipe, produzido por Josué Modesto dos Passos Subrinho. O autor apresenta diversos dados quantitativos dos escravos na província de Sergipe, possibilitando uma visão clara do quadro de cativos, livres e libertos²⁹. Subrinho revela a grande saída de cativos de Sergipe para a lavoura de café, separando famílias e causando problemas na escravaria. As informações do texto de Josué Subrinho encaminham para o cotidiano escravo em Sergipe, na segunda metade do século XIX, eminentemente rural, ao contrário de Salvador, Recife e Rio de Janeiro, por exemplo, onde havia grande massa de cativos e libertos nas zonas urbanas.

Família e parentesco escravo também apareceram como tema na Revista do IHGSE relacionado à escravidão. Sheila Silva assinala que o casamento misto, entre escravos e livres, não era impedido pelos senhores, comprovando, assim, que os senhores de engenho não controlavam, ou preferiam não controlar a vida sexual de seus cativos. É possível perceber que alguns negros libertos poderiam estar junto com a escravaria dos engenhos ou poderia haver casamentos com escravos em engenhos distintos. A autora também evidenciou a sociabilização através do “tomar padrinho” para batismo e para casamentos entre escravos e libertos³⁰, conforme a necessidade para conseguir driblar ou atenuar as amarras do cativo.

Dentre os autores que publicaram na última fase da Revista do IHGSE sobre assuntos referentes à escravidão em Sergipe, Joceneide Cunha dos Santos foi a que contabilizou o maior número de artigos, abordando temáticas diferentes: liberdade, vivência africana em Sergipe, laços de solidariedade e compadrio, morte e rituais fúnebres dos escravos, moradia escrava e atividades econômicas dos escravos no século XVIII – este ficando excluído da análise por se tratar do período setecentista. A autora, a partir da sua produção diversificada, evidencia que, em Sergipe, nos séculos XVIII e XIX, no que diz respeito aos escravizados, havia uma grande quantidade de escravos realizando suas práticas culturais em uma adaptação às situações do cativo, elucidando muitas questões pouco ou não trabalhadas na historiografia sergipana.

O primeiro artigo analisado de Joceneide dos Santos na Revista do IHGSE trata da busca dos cativos pela alforria na justiça, na cidade de Lagarto, a partir da Lei de 1871. Santos observa indícios, à luz de Ginzburg, cruzando fontes, para evidenciar as estratégias dos cativos para se libertarem e dos senhores para continuarem com suas posses, apresen-

29 PASSOS SUBRINHO, Josué Modesto dos. Comércio de escravos na província de Sergipe (1850-1888). In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 39, 2009, p.42.

30 SILVA, Sheila Farias. Histórias de famílias na Estância/SE oitocentista (1840-1890). In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 40, 2010, p. 84-85.



tando alguns personagens para clarificar como era a busca da alforria pelos cativos, possibilitando, assim, visualizar indícios de cotidiano escravo. Como exemplo, a autora citou a escrava Maria Mercês, que o senhor não queria perdê-la por ser “moça, bonita, sadia, boa costureira, bordadeira, rendeira, engomadeira e cozinheira, confidente dos seus senhores em uma fazenda de mais de quarenta escravos”³¹. O ser confidente, em especial, revela proximidade e intimidade com a vida dos senhores – perdê-la seria não ter a empregada e a confidente, porém, maior perigo seria de que os segredos já confidenciados caíssem em ouvidos inimigos.

O segundo artigo de Joceneide dos Santos trata das vivências de africanos em terras sergipanas, afirmando que eles reconstruíam “suas identidades dentro dos limites de uma sociedade escravista”, ou seja, mesmo no cativeiro conseguiram criar laços familiares e de amizade, além de conseguir manter alguns aspectos culturais de além-mar, como na religiosidade e na culinária. Contudo, para a autora, é perceptível que havia mais facilidade na reconstrução de identidades no mundo urbano, embora também pudessem ocorrer no mundo rural³². A autora ainda aponta para um número significativo de africanos em Sergipe, ao informar a existência de revoltas de africanos e suas participações em diversas irmandades, contudo, observa também outras práticas como importantes para manter a identidade desse grupo.

O terceiro artigo publicado por Joceneide dos Santos trata dos laços entre homens e mulheres escravos em Lagarto a partir do batismo de cativos, debruçando-se sobre documentos eclesiásticos, pois poderiam originar diversas “informações sobre o indivíduo, a sua família e os padrinhos”³³. Ainda para a autora “as escolhas dos padrinhos em alguns momentos foi mais um ato da política paternalista” que consistia num paternalismo “indireto, porque seriam pessoas próximas ao proprietário e não o próprio senhor”³⁴, direcionando o olhar não apenas para a relação senhor e escravo, mas, para além da casa-grande e da senzala do seu senhor, alcançando a vizinhança, com o cativo buscando construir sua teia de relações com outros senhores e libertos. Dessa maneira, o momento do batismo não era apenas para o recebimento de um sacramento cristão, mas como oportunidade de inserir o indivíduo batizado em uma determinada rede.

31 SANTOS, Joceneide Cunha dos. Uma disputa à burguesa: homens e mulheres escravos lutam por sua liberdade na justiça, Lagarto – Província de Sergipe, 1850-1888. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, n. 39, 2009, p.67-73.

32 SANTOS, Joceneide Cunha. Um olhar sobre homens e mulheres africanos: indícios da vivência africana nas terras sergipanas (1790-1850). In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº 40, 2010, p. 45-47.

33 SANTOS, Joceneide Cunha dos. Construindo laços de solidariedade: o compadrio de homens e mulheres escravos na Vila de Lagarto de 1850-1888. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, nº43, 2013, p. 263.

34 *Ibid.*, p.266.



O quarto artigo de Joceneide dos Santos aborda a morte e os ritos fúnebres de homens e mulheres africanos em Santo Amaro das Brotas, tema ainda pouco discutido na historiografia sergipana. Santos pesquisa, em diversos documentos, como ocorreu a hora derradeira dos cativos, o que planejaram para o referido momento, como vestuário, missas, cortejo fúnebre e local do sepultamento. A autora observa que essas questões, também marcavam o cotidiano dos negros no século XIX:

Esses [cortejos fúnebres] e os sepultamentos marcavam o cotidiano Oitocentista e alguns deles possuíam bastante pompa, incluindo os de africanos e seus descendentes. Principalmente para os africanos que faziam parte das irmandades. Os irmãos eram convocados, saíam acompanhando o corpo até o lugar do sepultamento³⁵.

156



Contudo, conforme Joceneide dos Santos, nem todos os escravos tiveram sepultamento registrado pois “foram enterrados em fazendas, largados em matos ou deixados nas estradas”, sendo que os escravos sepultados nas igrejas tiveram enterros mais simples “pois os custos dos sepultamentos dos forros eram muito mais altos”³⁶. Dessa maneira, assim como era obrigatório o cativo ser batizado na Igreja, era necessário também ser sepultado, cabendo ao senhor resolver a questão. Santos assinala que os escravos eram enterrados em locais distintos, indicando “que esses escravizados e/ou sua família escolhiam o local do sepultamento, e indica também a existência de comunidades”³⁷. Portanto, é necessário pensar a morte no cotidiano de escravos e libertos em Sergipe oitocentista.

O quinto e último artigo de Joceneide dos Santos sobre Sergipe no século XIX trata das moradias escravas, as chamadas senzalas, seus materiais construtivos e finalidades. A autora descreve que algumas eram construídas de palha e cipós, havendo ainda aquelas construídas de telhas, contudo alguns engenhos menores não possuíam senzalas, morando os escravos em algum espaço da casa dos senhores. As senzalas seriam, além de espaço de descanso do trabalho diário, também espaço de lazer e sociabilidades³⁸.

35 SANTOS, Joceneide Cunha dos. A hora derradeira de homens e mulheres africanos e seus descendentes: alguns apontamentos sobre os óbitos, Santo Amaro, Sergipe, 1802-1835. In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, n. 44, 2014, p.340.

36 *Ibid.*, p.344-345.

37 *Ibid.*, p.357.

38 SANTOS, Joceneide Cunha dos. Senzalas de palha, choças e choupanas: fragmentos da história da moradia escrava nas terras sergipanas (1801-1888). In: *Revista do IHGSE*, Aracaju, n. 46, 2016.

Considerações finais

A análise dos artigos publicados na Revista do IHGSE propicia uma visão privilegiada do fazer historiográfico sergipano. A confraria se configura no lócus dos debates dos intelectuais sergipanos, referentes principalmente a estudos históricos, geográficos e antropológicos sobre Sergipe. A criação da Universidade Federal de Sergipe não realizou a migração de todos os intelectuais para ao âmbito acadêmico, contudo, propicia uma parceria com o IHGSE, com alguns intelectuais realizando pesquisas em ambas instituições. Nesse contexto, a historiografia sergipana realizada no IHGSE confunde-se, nas últimas fases, com a historiografia produzida na UFS, isso, porém, não configura um defeito, mas uma peculiaridade regional e uma similaridade nos discursos.

Sobre o quantitativo e o qualitativo dos artigos a respeito da escravidão muito se avançou sobre o assunto. Nos primeiros cinquenta anos da Revista, quase não há publicações sobre escravidão. Julgar o qualitativo é algo complicado, uma vez que requer colocar juízo de valor ao pensamento de uma determinada época. À medida que despontaram no país os estudos diversos sobre os escravos, na História, nas Ciências Sociais e na Antropologia de autores, como Gilberto Freyre, Florestan Fernandes e Arthur Ramos, os intelectuais sergipanos, paulatinamente, passaram a pesquisar sobre a temática e a publicar no periódico.

O avanço sergipano, com relação à pesquisa historiográfica sobre o cativo e cativos, ocorreu à medida que tais ideias inovadoras chegavam às periferias acadêmicas. É possível notar o crescimento de pesquisas referentes à escravidão em Sergipe a partir da década de 1970, apesar de a revista ter tido dificuldades na manutenção de sua periodicidade, concretizando-se, nas últimas décadas, com pesquisas relacionadas a discussões diversas sobre o cativo e reinvenção da liberdade, afinadas com as últimas teorias e metodologias aplicadas ao estudo da escravidão no Brasil.

Referentes aos indícios de cotidiano escravo no discurso historiográfico da Revista do IHGSE foram, encontradas pistas relevantes para construção de hipóteses a respeito de religiosidade, festas, redes de sociabilidades e mortes.

Resumindo, é necessário pensar os periódicos estaduais como importantes espaços da escrita da história, quando se realizar um levantamento bibliográfico sobre qualquer temática, em especial dos institutos históricos e nas revistas publicadas por tais órgãos, pois podem revelar importantes vestígios e interpretações de fatos do passado. A Revista do IHGSE configura-se em um espaço privilegiado do fazer historiográfico sergipano enquanto principal periódico do Estado sobre a história de Sergipe desde o início do século XX.



